



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

ANDERSON HENRIQUE MOREIRA FERRARI

CIRCO: UMA VISÃO EMPRESARIAL

Assis

2013



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

CIRCO: UMA VISÃO EMPRESARIAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA / FEMA, como requisito para obtenção do título de **Bacharel em Administração**.

Orientando(a): Anderson Henrique Moreira Ferrari

Orientador(a): Dr. Reynaldo Campanatti

Assis
2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado sabedoria e força para realização deste trabalho.

Ao professor Dr.Reynaldo Campanatti , pela orientação e pelo constante estímulo transmitido durante o trabalho.

Aos amigos, Junior ;Proprietário Circo Fantástico , Marcos Vieira;Circo Mundo Mágico, Antony Quintino;produtor do SBT, Roberto Cassaly;Diretor artístico, Família Rodriguez,Ruan”Palhaço Manteguinha” , Prof. Edislane Barreiros ,colegas de sala, e todos que colaboraram diretamente ou indiretamente, na execução deste trabalho.

Aos familiares ,pelo incentivo e apoio direta ou indiretamente,para colabaração de realizar este trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
RESUMEN.....	07
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ATIVIDADE CIRCENSE.....	10
1 - Um olhar histórico sobre circo - Do picadeiro ao palco.....	11
2 - Um olhar histórico sobre circo - Do Palco à Escola.....	16
CAPÍTULO 02: DIAGNÓSTICO DAS CARACTERÍSTICAS DE GESTÃO.....	30
1 - Organizações circenses no contexto da economia.....	30
1.1 - Organizações circenses e seu cotidiano.....	34
1.2 - Principais processos e objetivos observados na dinâmica dos circos.....	39
2-Políticas de incentivo à cultura que abrangem os circos no Brasil.....	41
2.1 – Incentivo Fiscal ou Patrocínio Direto.....	41
2.2-Fatores Críticos na Relação entre Circos e o Estado no Brasil.....	44
CAPÍTULO 03: O DISTANCIAMENTO EM RELAÇÃO À TRADIÇÃO.....	46
1-Da Antiguidade greco-romana à Idade Média e Renascimento.....	50
2 – No Século XVII e Século XIX.....	53
CONCLUSÃO..	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

RESUMO

O trabalho apresenta alguns aspectos importantes em relação a realidade da vida circense em seu cotidiano, de modo a pesquisar os detalhes do ponto de vista administrativo dessa organização.

A importância do trabalho está no fato de que é interessante entendermos a atividade circense como uma forma de motivação à mais no mercado, nas empresas, e principalmente para os administradores que convivem com tantos obstáculos e enfrentam desafios constantes.

O objetivo é mostrar as diferentes formas e estruturas dessa organização cultural e de entretenimento.

Trazer a realidade do cotidiano de uma empresa circense, como é administrada, suas dificuldades, o ambiente interno e externo. A visão empresarial e a história desde a antiguidade em relação aos circos tradicionais e a sua evolução recente. O circo também é uma empresa formada por funcionários e gestores que na grande maioria dos casos atuam de forma empírica juntamente com colaboradores e seus artistas.

Gerou-se conhecimento sobre importante realidade dos circos, bem como da relação entre políticas públicas de cultura e organizações circenses, e a constatação de como se dá alguns aspectos, gestão administrativa e econômica destas organizações.

PALAVRAS CHAVES:

1. Economia empresarial 2. Circos 3. Gestão

ABSTRACT

The paper presents some important aspects regarding the reality of circus life in their daily lives, in order to search the details of the administrative point of view of the organization.

The importance of the work lies in the fact that it is interesting to understand terms the circus activity as a form of motivation for more market, businesses, and especially for administrators who live with so many obstacles and face constant challenges.

The goal is to show the different forms and structures of the organization culture and entertainment. Bringing the reality of daily life in a circus company, as administered, their difficulties, the internal and external environment. The corporate vision and history from antiquity in relation to traditional circuses and their evolution recente. O circus is also a company formed by employees and managers in most cases work empirically with employees and their artists.

Was generated important knowledge about the reality of the circus, and the relationship between public policy and culture organizations circus, and observe how it gives some respects, economic and administrative management of these organizations.

KEYWORDS:

1.Economia business 2.Circus 3.Management

RESUMEN

El artículo presenta algunos aspectos importantes con respecto a la realidad de la vida en el circo en la vida cotidiana, con el fin de buscar los detalles del punto de vista administrativo de la organización.

La importancia del trabajo radica en el hecho de que es interesante para entender los términos de la actividad del circo como una forma de motivar a más mercados, las empresas, y especialmente para los administradores que viven con tantos obstáculos y se enfrentan a retos constantes. El objetivo es mostrar las diferentes formas y estructuras de la cultura y el entretenimiento organización.

Levar a la realidad de la vida cotidiana en una compañía de circo, como administrados, sus dificultades, el medio ambiente interno y externo. La visión de la empresa y de la historia de la antigüedad en relación con los circos tradicionales y su evolución reciente. O circo también es una empresa formada por empleados y directivos de la mayoría de los casos el trabajo empírico con los empleados y sus artistas.

Se ha generado un importante conocimiento sobre la realidad del circo, y la relación entre las políticas públicas y las organizaciones de la cultura del circo, y observar cómo se da a ciertos aspectos, de economía y de gestión administrativa de estas organizaciones.

PALABRAS CLAVE:

1.Economia negocio 2.Circos 3.Gestão

INTRODUÇÃO

A história mostra que as organizações circenses tiveram que alterar suas estruturas e seus espetáculos para se manterem-se vivos e continuarem atraindo uma platéia cada vez mais heterogênea.

Torres (1998), em seu livro “O Circo no Brasil”, faz um breve relato histórico do surgimento do circo no mundo. Segundo ele a arte circense surgiu na China, há quase 5.000 anos. Lá foram descobertas pinturas em que aparecem acrobatas, contorcionistas e equilibristas.

A evolução dessa arte se deu em vários países. No Egito, pinturas que remetiam a esse tema estavam nas paredes. Para muitos historiadores foi nesse período que surgiram os primeiros domadores. Eles apareciam em desfiles militares aonde os faraós exibiam animais ferozes das terras conquistadas. Há também documentos que comprovam que nesse período, na Índia, o contorcionismo fazia parte de espetáculos sagrados. Já na Grécia, números de força e equilíbrio faziam parte de modalidades olímpicas. Além disso, foi lá, que surgiram os primeiros palhaços. Depois, iniciaram as apresentações do Circo Máximo de Roma.

Na Europa grupos saltimbancos percorriam a Inglaterra, França e Espanha. Em Londres, no ano de 1770, foi inaugurado, por um oficial inglês da Cavalaria Britânica, o primeiro circo europeu, o Astley's Amphitheatre.

No Brasil, ciganos que fugiram da Europa mostravam suas habilidades. Números de ilusionismo, doma de ursos e exibição de cavalos faziam parte do show. (AVANZI, Roger e TAMAOKI, Verônica. Circo Nerino. São Paulo, 2004).

O circo com suas características tradicionais passou a ser apresentado no final do século XIX. O circo brasileiro tropicalizou algumas atrações. Os números perigosos e os palhaços faziam mais sucesso neste país.

Para suprir a demanda de artistas, surgiram as escolas de circo, que passaram a formar novos artistas, agora não apenas indivíduos pertencentes às famílias circenses, e com isso o modelo tradicional ou familiar de circo sofreu uma

ruptura, abrindo espaço para o que se conhece atualmente como Circo Novo ou Circo Contemporâneo. (BARONI, 2006). Mas, para isso, é preciso primeiramente conhecer a natureza da estrutura organizacional dos circos e sua vida cotidiana.

Neste sentido o trabalho está dividido em três capítulos sendo que no capítulo um aborda-se a evolução histórica da atividade circense. No capítulo dois um diagnóstico nas características de gestão. Por último, no terceiro capítulo o distanciamento em relação a tradição.

CAPÍTULO 1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ATIVIDADE CIRCENSE

Esta pesquisa reuniu informações que visam detalhar e esclarecer a evolução histórica da atividade circense no Brasil e no mundo, assim como a forma como esta organização administra suas atividades. O circo é uma das mais antigas e completas manifestações populares e artísticas, pois durante o espetáculo, sob uma lona colorida, tem música, teatro, dança, cenografia e figurino apropriados que encantam a platéia; um espetáculo de magia que faz até hoje a alegria não só das crianças, como também de muitos adultos. No mundo do entretenimento, o circo ocupa uma posição privilegiada entre todas as formas de diversão existentes. Mesmo em tempos de rádio, TV e internet essa antiga arte ainda atrai a atenção de muitos espectadores. Circulando por espaços da cultura popular, a arte circense impressiona pela grande variabilidade de atrações e o rico campo de referências culturais utilizado. (<http://profgege.blogspot.com.br/2008/03/circo.html>.- acesso em 17 de Agosto de 2012).

“O circo é, antes de tudo, um espetáculo visual. O palhaço faz tudo seriamente. Ele não precisa falar e sim fazer graciosos trejeitos. Sua mímica ingênua sempre consegue fazer rir.”(Leonid G. Engibarov) .

Durante muitos anos a arte circense, exhibe, em seus espetáculos, habilidades diversas de seus artistas, como o contorcionismo, equilibrismo, ilusionismo dentre outros. Para compreender o fenômeno "circo" do século XXI, o presente trabalho propõe, em um primeiro momento, fazer uma breve revisão histórica compreendendo suas diversas expressões como manifestação cultural e, compreender o surgimento das escolas de circo no Brasil e seus significados no âmbito do lazer, assim como, a importância que locais como esse tem para vivências de lazer na cidade.

1 - Um olhar histórico sobre circo - *Do picadeiro ao palco*

O desenvolvimento do circo na forma sistematizada, por nós hoje conhecida levou muito tempo e, somente no século XVIII é que o picadeiro e as atrações circenses foram se consolidando. Na China, vários contorcionistas e equilibristas apresentavam-se para as autoridades monárquicas chinesas. Em [Roma](#), o chamado “Circo Máximo” era o local onde as massas plebéias reuniam-se para assistir às atrações organizadas pelas autoridades imperiais. Na Idade Média, vários artistas saltimbancos vagueavam pelas cidades demonstrando suas habilidades ao ar livre em troca de algumas contribuições.

O cavaleiro inglês Philip Astley, considerado por alguns historiadores circenses como o pai do circo "moderno", montou a primeira estrutura de circo com picadeiro, espaço com tablado circular delimitado por lonas cercado por arquibancadas proporcionando a visão dos espetáculos e do público ao redor. Astley foi inovador quando começou a incorporar os saltimbancos, acrobatas, cavaleiros e palhaços em uma só apresentação tornando-se esta a base do circo moderno. Em 1770 inicia a cobrança de ingressos do público para assistir a esses grandes espetáculos. (<http://www.pindoramacircus.arq.br/escolas/roteiescolas.htm>-acesso em 11 de fevereiro de 2013)

Com a expansão de seu empreendimento, Astley passou a contar com vários outros artistas. Dado o sucesso de suas atrações, sua companhia passou a apresentar-se em Paris. Nessa época, o domador Antoine Franconi ingressou na companhia de Astley. A instabilidade causada com os arroubos da Revolução Francesa, em 1789, forçou Astley a abandonar a França. Com isso, Franconi se tornou um dos maiores circenses da França. Com o passar do tempo, a tradição itinerante dos artistas circenses motivou a expansão das companhias de circo. (<http://www.pindoramacircus.arq.br/escolas/roteiescolas.htm>-acesso em 06 de fevereiro de 2013).

Após a estréia desse tipo de espetáculo Charles Hughes também cavaleiro criou uma das primeiras companhias de espetáculos do mundo em 1780 que se chamou **Royal Circus**, e pela primeira vez esse tipo de espetáculo e espaço aparecia com o nome de "circo". O sucesso de sua companhia foi responsável por esse nome ficar popular e ser conhecido até os dias de hoje.

No século XIX, o primeiro circo atravessou o oceano Atlântico e chegou aos Estados Unidos. O equilibrista britânico Thomas Taplin Cooke chegava com seu conjunto de artistas na cidade de Nova Iorque e, sua companhia transformou-se em uma grande família circense que, ao longo de gerações, disseminou o circo pelos Estados Unidos.

Personagens que marcaram a história do circo são conhecidos como nômades, viajantes como os ciganos e os saltimbancos, artistas que divertiam o público em feiras e praças públicas durante a idade média em apresentações realizadas de cidade em cidade. Os **nômades** eram apontados como "povos vagabundos" que deixavam sinais de destruição e abandono por onde passavam, oferecendo caminhos e possibilidades imprevisíveis e perigosas. (<http://www.pindoramacircus.org.br/escolas/roteiescolas.htm>-acesso em 09 de fevereiro de 2013)

A partir do século XVIII, o circo passou a ser considerado um espaço propício a bagunça onde ocorria a ruptura de comportamentos civilizados. Instalava-se também na sociedade o desejo de controlar o divertimento do povo no tempo fora do trabalho. Em 1727 o circo já era considerado uma atividade nacional gerando questões sobre como proceder com famílias ciganas que apresentavam espetáculos considerados imorais, comédias e óperas, nas cidades. O movimento nômade não representou apenas distúrbios sociais, foi um movimento que despertou diversas sensações, gerou fascínio, mudança de cotidiano, deslumbramento, sensação explosiva e alegre, incontrolável e prazerosa transformação da cidade por onde passavam.

No final do século XIX e meados do século XX em toda a Europa o cavalo ocupava um lugar central nas apresentações circenses, sendo chamados então "circos de cavalinhos", e em sua maioria os números hípicos é que davam valia à apresentação da companhia circense.

(<http://www.pindoramacircus.arq.br/escolas/roteiescolas.htm-acesso> em 06 de fevereiro de 2013)

Atrações, como feras, animais considerados amestrados ou domados, como leões, ursos e serpentes, foram introduzidos no circo , no século XIX, como um atrativo para o público, e na maioria das vezes, apenas sua exibição já motivava o público curioso.

A presença de mágicos ilusionistas e malabaristas também marcava os números circenses da época. Os mágicos tinham como objetivo iludir o público através de truques que criassem uma "noite agradável e cheia de emoções". Os números de ilusionismo geravam atenção, como no número em que a ajudante é separada em pedaços o corpo vivo e despedaçado. O corpo acrobata impressiona os espectadores através da demonstração de coragem e no desafio da gravidade e da morte, da inversão da ordem das coisas como andar com as mãos, lançar-se no espaço, contorcer-se, produzir sons com o corpo, cuspir fogo. Esta lógica opunha-se aos ideais de corpo perfeito, limpo e isolado que a ciência das últimas décadas do século XIX construía, e da nova ordem exigida da vida disciplinada.

Artistas como trapezistas, malabaristas e equilibristas fazem do circo um lugar mágico, povoado de seres fantasticamente humanos em suas companhias e materialidade. Ao contrário que a ciência apontava, nos espetáculos os corpos deixam de ser um limite das potencialidades humanas para transformar-se em seu ponto de partida. O corpo passa a ser considerado como o centro do espetáculo, de todas as variedades apresentadas pela atuação de seus artistas. Esse corpo exibido em movimento constante despertava o riso, o temor e, sobretudo, um sentimento de liberdade.

(<http://www.pindoramacircus.org.br/escolas/roteiescolas.htm-acesso> em 11 de fevereiro de 2013).

Considerando o "movimento circo" como uma especialidade das artes, onde os artistas se expressam através de suas ações e gestos ensaiados, é possível considerar que a expressão humana ali representada antecede os próprios conceitos de circo .

A gargalhada deu vida a um dos principais personagens que sustentam a alegria circense: o palhaço, "esse fazedor de graça que é tão antigo quanto o tempo, e quanto à própria arte circense". Os primeiros palhaços italianos se vestiam de espantalhos, utilizando palha dentro da roupa para amortecer as quedas. O palhaço foi considerado símbolo do circo do século XIX, pois através de suas roupas espalhafatosas, das atitudes atrapalhadas, da inversão de coisas e partes do corpo ele fazia a platéia rir, assumindo assim, o riso, um caráter festivo.

A grande estrutura envolvendo o espetáculo circense, trouxe o desenvolvimento de novas tecnologias ao mundo do circo. As constantes mudanças de cidade em cidade incentivaram a criação de técnicas logísticas que facilitavam o deslocamento dos espetáculos. Tais técnicas, devido sua grande eficácia, chegaram a despertar o interesse dos altos escalões militares que se preparavam para os conflitos da Primeira Guerra Mundial. Na Europa, até metade do século XX, o circo sofreu um período de grande retração. As guerras mundiais, ambas protagonizadas em solo europeu, e as crises econômicas da época impuseram uma grande barreira às artes circenses. Ao mesmo tempo, o aparecimento do rádio e da televisão também inseriu uma nova concorrência no campo do entretenimento.

De qualquer forma, o circo foi-se aguentando, principalmente graças às companhias itinerantes que vão acampando com as suas tendas em qualquer terra, grande ou pequena, lutando, inclusive, contra os defensores dos direitos dos animais, que as acusam de maus tratos. No Brasil, antes da chegada do Circo, famílias de ciganos e saltimbancos que vieram da Europa, tinham como

especialidades a doma de ursos, o ilusionismo e as exibições com cavalos. Viajavam de cidade em cidade, e adaptavam seus espetáculos ao gosto da população local e à medida que viajavam agregavam novos artistas, isso fez com que o circo se apropriasse da cultura de cada região visitada e números que não faziam sucesso na cidade eram retirados da programação. Instalando-se na periferia das grandes cidades e voltado para as classes populares os nômades usavam tendas e nas festas sacras, havia bagunça, bebedeira, e exibições artísticas, incluindo teatro de bonecos. A modernização do circo não se deu apenas em termos de espaços e equipamentos, mas sim no elemento humano, valorizando suas habilidades e criatividade.

Alguns historiadores como Silva, alegam que o circo chegou ao Brasil antes de 1800 e para outros foi entre 1820-1830, mas foi somente em 1834 que temos o registro da chegada de um circo formalmente organizado, o de Giuseppe Chiarini. Este circo pode ser considerado um ponto de referência para se compreender o encontro do circense europeu com os artistas e as experiências locais, assimilação e mistura de novos elementos vivenciados.

(<http://www.historiadetudo.com/circo.html>- acessado em 17 de Outubro de 2013).

“Mesmo com o advento das novas tecnologias, o circo ainda preserva a atenção de multidões. Reinventando antigas tradições e criando novos números, os picadeiros espalhados pelo mundo provam que a criatividade artística do homem nunca estará subordinada ao fascínio exercido pelas máquinas. Talvez por isso, podemos dizer que “o show deve continuar”.(SEYSSEL, 1975)

Em 1974, o príncipe Rainier do Mónaco instituiu o Festival Anual do Circo de Monte Carlo, que junta durante alguns dias no inverno os melhores artistas circenses do Mundo. Estes exibem-se perante um júri, que atribui aos melhores em cada especialidade o prémio Palhaço de Ouro. Depois, os melhores momentos são transmitidos internacionalmente pela televisão. (<http://www.infopediacirco->
[acesso](#) em 28 de janeiro de 2013)

2 – Um olhar histórico sobre circo - *Do palco à escola*

A partir de 1910 o circense instala, junto com o picadeiro, um palco para encenar dramas: é o teatro no circo. Até então, os circenses encenavam sketches e comédias. A aprendizagem dos textos destas encenações, era feita por meio da transmissão oral de seus próprios familiares ou pela imitação do teatro e do cinema ou mesmo por meio de trocas dentro do próprio "mundo circense". Mas o teatro no circo introduz definitivamente a linguagem escrita no circo-família.

O processo de trabalho no teatro pressupunha conhecimento da leitura e da escrita, além da criatividade gerada por um conjunto de saberes e práticas presentes no circo, garantiam ao circense a capacidade de encenar peças mesmo antes da entrada do palco de teatro no circo. Embora a transmissão dos saberes continuasse a ser oral, a escrita e a leitura foram definitivamente incorporadas à qualificação "verdadeira". O teatro significou um aperfeiçoamento da linguagem escrita e falada, bem como reforçou a idéia de que a aprendizagem, qualquer que fosse, era incorporada para reproduzir o circo-família.

De acordo com (Silva 1996) a arte circense é, muitas vezes, considerada como o espetáculo mais antigo do mundo.

O circo-teatro começou a aparecer em Minas Gerais no início do século XX através da iniciativa de um palhaço que enfrentava dificuldades financeiras em seu circo. A apresentação de comédias e dramalhões foi um recurso para tentar atrair o público que se encontrava escasso devido ao início da Primeira Grande Guerra, do surgimento da televisão e do cinema que se fizeram concorrentes das apresentações circenses.

O circo é o último vestígio de um saber antigo e existencial. Esse saber, essa arte ancestral e única que é o circo, só se perpetua graças a dois mecanismos: a transmissão do saber de pai para filho, e o ensino proporcionado por uma escola. (Ziegler, J.1980).

A transmissão do saber de geração a geração é uma característica que o circo herdou dos artistas ambulantes e saltimbancos. Desde 1770, formaram-se "dinastias circenses" que saíram da Europa Ocidental transmitindo a arte circense de pai para filho. No Brasil, a partir de 1830, registra-se a presença de várias famílias circenses européias, muitas chegaram como saltimbancos, trazendo a "tradição" da transmissão oral dos seus saberes.

A estes circos formados por grupos familiares foi dado o nome de "circo tradicional". Esta organização familiar era a base de sustentação do circo. A transmissão do saber circense fazia deste mundo particular uma escola única e permanente. O que se aprendia era suficiente para ensinar a armar e desarmar o circo, a preparar os números ou peças de teatro, além de treinar as crianças e adultos para executá-los. Este conteúdo tratava também de ensinar sobre a vida nas cidades, as primeiras letras, as técnicas de locomoção do circo. A transmissão coletiva deste saber às gerações seguintes, garantiu a continuidade de um modo particular de trabalhar e de montar o espetáculo. (<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-do-circo.htm>-acesado em 18 de outubro de 2013).

De 1930-1940 começam a aparecer às primeiras escolas especializadas na formação de artistas e conseqüentemente o modelo clássico de circo sofre mudanças. A descentralização do conhecimento marca a mudança, já que, até esse momento o conhecimento era mantido no interior da lona, em "posse" da família, transmitido de geração em geração. O aparecimento da escola proporciona mais conhecimentos, uma diversificação das modalidades, dos estilos, e fundamentalmente concretiza um conhecimento mais sistemático,

organizado e talvez científico. As escolas foram se transformando em centros de intercâmbio da cultura circense e a modernidade facilitou a disseminação do conhecimento mais rapidamente. (<http://www.artesdocirco.com.br/Observacoes-historicas-sobre-o-circo.html> - acessado em 21 de janeiro de 2013)

Esse processo de transformações a que o circo, como forma de entretenimento popular, está sujeito, levou a uma diferenciação na estrutura e espetáculo circenses. Todos esses acontecimentos fizeram nascer novos artistas e os circos foram se espalhando e disseminando a cultura circense pelo mundo.

A linguagem do circo foi se adaptando aos novos valores da sociedade, às expectativas técnicas e principalmente visuais deste momento histórico, mas isso não foi suficiente para eliminar o modelo "tradicional" de circo, o qual ainda é presente na maioria dos "Circos" do Brasil, Europa e mundo.

O circo contemporâneo como alguns historiadores o chamam apresentam um modelo que prospera atualmente sendo chamado de circo do homem por envolver somente a figura humana nas performances, excluindo a participação de animais. Seu formato, que ainda está em desenvolvimento, representa uma tentativa de incluir as artes do circo às exigências do mercado artístico contemporâneo, de fazê-lo acessível a todos os públicos, respeitando os valores sociais, sem deixar de cumprir os objetivos primordiais do circo: a alegria, a ilusão, a fantasia, em nome do entretenimento. (<http://www.cirquedusoleil.com/cirquedusoleil/default.htm>- acessado em 25 de Fevereiro de 2013)

A linguagem oral e transmissão de saberes através de uma escola é uma representação das transformações que o circo vem vivendo. Uma escola de circo que se torna cenário da realidade de muitos alunos é considerado como uma possibilidade de lazer que educa para a cultura e para a independência na escolha de atividades de lazer. (<http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - N° 101 - Outubro de 2006- acesso em 25 de Janeiro de 2013).

Do ponto de vista dos estudos culturais é possível dizer que o lazer é uma dimensão da cultura entendida em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações. O lazer pode ser efetuado no "tempo livre" das obrigações, profissionais, domésticas, religiosas, e das necessidades físicas. Além disso, é preciso considerar a busca pelo prazer que as vivências possibilitam embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusivamente de tais atividades conforme destacam Melo; Alves Júnior (2003).

Com todas as evoluções do circo com o passar do tempo, hoje temos no Brasil grandes companhias como exemplo dessas evoluções:

Marcos Frota Circo Show

Não há registro na história da humanidade de algo com maior capacidade de fascínio e permanência do que o circo. Nas crianças, estimula o espírito lúdico, o sonho, a fantasia, o encantamento; Nos adultos, reanima emoções adormecidas e resgata a paixão pela vida. A todos, o circo apaixona. Há vinte e um anos na estrada, o Grande Circo Popular do Brasil, criado pelo ator Marcos Frota, percorre o país levando autêntica alegria, que extrapola o picadeiro e se ramifica nas comunidades através de programas sociais e educacionais. Um novo olhar atravessa o picadeiro e recoloca o circo ao lado dos outros segmentos artísticos, discutindo a cultura e a arte brasileira através de diversas proposições e realizações como a formação de um novo público de circo revitalizado e de uma geração de artistas. A conquista de novos e nobres espaços para o circo. Criação e implantação de primeira Universidade Livre do Circo no Brasil com o apoio da UNESCO, UNICEF e em parceria com o Ministério do Esporte e do Turismo. Norteadando-se pela Ética, Espiritualidade e o Exercício da Cidadania, a UNICIRCO foi concebida como centro de excelência para o desenvolvimento técnico e artístico das atividades circenses. Um público estimado em 16 milhões de espectadores tem aplaudido o brilhantismo de nossos colaboradores, que, juntos, somam cerca de 150 profissionais, responsáveis pela feitura integral do

espetáculo. (<http://www.artesdocirco.com.br/Marcos-Frota-Circo-Show-1.html>-acesso em 22 de dezembro de 2012).

Circo Tihany

Há 90 anos, na pitoresca e encantadora cidade de Tihany, norte da Hungria, nascia Franz Czeisler. O menino que queria desde pequeno ser mago viajou pelo mundo, e ganhou mais quatro nacionalidades: húngaro, romano, brasileiro, argentino e norte-americano. Também aprendeu oito idiomas e tornou-se especialista na arte de entreter as pessoas. Franz cresceu, estudou minuciosamente a arte da magia e logo ficou conhecido como “Tihany, o Mago dos Magos”. Sua proposta sempre foi levar sonhos e alegria às pessoas.

Foi em 1955, em Campinas (SP) que Franz criou o Circo Tihany. Na época, apenas 20 artistas encenavam a arte circense. Hoje, após 54 anos, o Tihany tornou-se uma das companhias mais aclamadas do mundo.

No time de 156 pessoas de 25 nacionalidades diferentes, os 76 artistas viajam com suas famílias e levam alegria por onde passam. Ensaiam 14 horas semanais e se apresentam quase todos os dias, exceto quando estão viajando de uma cidade a outra. O Tihany Spetacular internacionalizou-se e agora é comandado por Richard Tihany, o herdeiro de Franz e novo “Mago dos Magos”.

Ele encanta a platéia com números surpreendentes: desaparece um helicóptero em três segundos e faz sumir misteriosamente 40 bailarinas num piscar de olhos. Seu magnetismo é impressionante! (<http://www.artesdocirco.com.br/Circo-Tihany.html>- acesso em 10 de dezembro de 2012)

Circo Stankowich

De origem romena, o Circo Stankowich mantém uma tradição de mais de um século na qual a arte circense vem transmitida de geração para geração.

No ano de 1850, Pedro Stankowich e sua família chegam na América do sul, fugindo da primeira guerra que acontecia naquele momento na Europa. Em 1856, Pedro Stankowich chega ao Brasil apenas com animais amestrados, após perder o circo que naquela época já existia na Romênia. Juntamente com várias famílias circenses vieram para São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No estado de Minas Gerais, a família ficou numerosa e teve que se dividir porque era difícil todos trabalharem juntos. Ao chegarem em Soledade, uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, Constantino Stankowich, filho de Pedro Stankowich, conheceu Aurora que era professora na sua cidade. Ela tinha 21 anos quando o circo passou por ali, se casaram e seguiu com o circo. Antônio Stankowich, um dos filhos de Constantino e Aurora Stankowich, nasce em 1935 na cidade de Guaíba, Rio Grande do Sul, faz parte da quarta geração da família Stankowich. Foi acrobata, malabarista, trapezista, equilibrista e palhaço com o nome de "Lamparina", nome esse herdado de avos e tios. Aos 23 anos teve o privilégio de ser diretor e proprietário do circo, incumbido de ser responsável pela família e pelos funcionários. Com o tempo, o circo teve que contratar outros artistas para incorporar outros números circenses, além de grandes shows de rádio e televisão. Nessa época tratava-se de um circo de médio tamanho. Hoje, Antonio Stankowich juntamente com a esposa Miriam e os filhos Adriana, Márcio e Marlom, construíram a grande companhia considerada pelos grandes críticos e empresários circenses como sendo um dos maiores circos da América Latina.

(<http://www.artesdocirco.com.br/Circo-Stankowich.html>- acesso em 20 de fevereiro de 2013)

Circo Roda Brasil

Da união dos grupos teatrais Parlapatões e Pia Fraus surgiu, no início de 2006 o Circo Roda Brasil, com o objetivo de renovar o conceito da atividade circense. A junção das companhias aproveita as características de suas linguagens específicas, compondo uma unidade no que diz respeito à comunicação direta com a platéia, à utilização de recursos de picadeiro, a uma constante pesquisa cênica e à manutenção de seus respectivos repertórios.

O Circo Roda Brasil responde aos anseios de artistas que sempre sonharam em seguir pelas estradas, levando às cidades brasileiras suas variadas linguagens cênicas: teatro, circo e teatro de bonecos. A trupe mostra uma tendência contemporânea de profissionalização do circo e, dessa forma, busca propor uma discussão sobre os novos rumos para as artes circenses, tanto no que diz respeito à parte artística, como no que se refere à administração empresarial de um grupo, aliada a condições favoráveis de geração de trabalho e renda.

Assim, abre-se espaço para uma gestão moderna, valorizando artistas de qualidade e o treinamento constante para uma melhor qualificação técnica e estética. Num contraponto ao circo tradicional, o Circo Roda Brasil procura romper com o pensamento estigmatizado de que circo seja um mero entretenimento superficial, pretendendo erguer a linguagem do picadeiro ao mesmo grau e visibilidade que as outras artes cênicas do país.

Com lona de 32m de diâmetro e capacidade para 700 pessoas, o Circo Roda Brasil visa proporcionar um novo ambiente, com conforto ao espectador, sem que isto signifique ingressos de alto valor. A linguagem visual diferenciada do Circo Roda Brasil e a proximidade com o teatro trazem uma nova vitalidade à arte circense, levando ao público espetáculos modernos e diferenciados. (<http://www.artesdocirco.com.br/Circo-Roda-Brasil-2.html>- acessado em 01 de dezembro de 2013)

Circo Zanni

O verão de 2003-2004 foi o momento inaugural da concretização deste sonho: na Praça Pôr do Sol, em Boissucanga, no Litoral Norte de São Paulo, estreou o Circo ZANNI, um grupo de artistas oriundos de diversas gerações de escolas de circo, seguidores de seus mestres e de sua arte.

A partir de recursos próprios, lona e equipamentos alugados e contando com o apoio da Prefeitura de São Sebastião, de comerciantes locais e da ajuda e do incentivo dos amigos, em 3 semanas realizamos 15 apresentações para quase 5000 pessoas.

Esta experiência foi definitiva para o passo adiante... Em 2004, nosso principal objetivo foi a conquista do espaço próprio. Foram dez meses de preparação e busca de recursos que culminaram numa sociedade de nove artistas dividindo a responsabilidade desta conquista. Finalmente em 20 de novembro de 2004, o Circo ZANNI fez sua temporada inaugural com lona própria em São Paulo.

Desde então, o ZANNI cumpre com seu compromisso de não ser mais um projeto eventual e sim um estilo de vida, uma forma peculiar de ver e fazer arte, realizando sessões para um público encantado não só pelo espetáculo, mas também por ver que o Circo continua vivo e seguindo seu caminho.

O Circo Zanni, com direção artística do ator Domingos Montagner (o guia de turismo na novela Salve Jorge), apresenta um show inédito, com músicas ao vivo, cenário, figurino, roteiro e repertório totalmente criados para esta temporada. O humor irreverente, os números de malabarismo com música, equilíbrio de cartas nas mãos e com cadeiras e trapézio triplo são os pontos fortes do espetáculo. Os números com palhaços são o carro chefe do espetáculo. A temática trabalha o “excêntrico musical”, que explora a comicidade clássica de palhaços de picadeiro.

(<http://www.artesdocirco.com.br/circo-zanni-.html>-acessado 12 de janeiro de 2013)

Circo di Napoli

O Circo di Napoli já tem uma história de 35 anos de funcionamento. O seu diretor Beto Pinheiro começou muito novo aos 12 anos como palhaço acompanhando o seu irmão mais velho Carlos Pinheiro e depois de alguns anos se tornou proprietário do seu próprio circo chamado Circo Tuza , um circo bem pequeno de bairro que com passar do anos cresceu ao ponto de ser um dos maiores e mais luxuosos do Brasil com duas unidades.

A família Pinheiro por sua vez é muito grande com uma tradição que começou por acaso. Um belo dia um circo passou por sua cidade e o irmão mais velho da família (Carlos Pinheiro) fez amizade e gostou muito de participar e se transformar em palhaço e com os seus dotes conseguiu ser um dos melhores palhaços do Brasil (O palhaço Capotão).

O seu irmão mais novo (Beto) entre outros 9 irmãos por sua vez quis seguir os passos do irmão e com muita dedicação e amor conseguiu montar um circo que antigamente contratava ,duplas sertanejas que hoje são muito famosas. Além do espetáculo do circo, atores, comediantes e cantores como: Mazzaropi , Milionário e Zé Rico, Tônico e Tinoco, Leo Canhoto e Robertinho, Eliana, Mara Maravilha, Teodoro e Sampaio, Chitãozinho e Chororó, Mato Grosso e Matias e muitos outros que o circo recebeu com muito orgulho.

Depois os tempos mudaram e o circo também foi mudando tendo condições de contratar artistas dos melhores níveis e até estrangeiros. Assim o circo se transformou em uma grande empresa que roda pelo Brasil inteiro e que orgulhosamente é um circo Brasileiro. (<http://www.artesdocirco.com.br/Circo-di-Napoli.html>- acessado em 30 de janeiro de 2013)

O circo vem buscando parcerias com empresas na atualidade, buscando inserir este mundo de sintonia dentro das organizações, não se esquecendo do marketing que é considerável dentre as parcerias.

Parcerias, como está fazendo o CIRCO DOS SONHOS que desde de 2004 iniciou seus trabalhos na capital de São Paulo fundando a Academia Brasileira de Circos próximo ao metro Pompéia, permanecendo um certo tempo, no mesmo local o circo se tornou além de escola durante a semana, uma casa de espetáculos fixa nos finais de semana e que hoje tem mais 2 unidades itinerantes que estão rodando o Brasil. Esse avanço é em função de parcerias de negócios em que a empresa CIRCO DOS SONHOS fez com PATATÍ PATATÁ e com a TURMA DA MONICA, por meio da Mauricio de Souza produções que investiram R\$2 milhões para apresentar o maior espetáculo circense brasileiro: A Turma da Mônica no Mundo do Circo. Nos primeiros meses em cartaz em São Paulo, recebeu mais de **350 mil espectadores**, em um show fabuloso que surpreende todas as famílias.

Parcerias como estas com o meio organizacional corporativo, faz com que o profissional desenvolva suas criatividade e motiva sua auto-estima através da realização de eventos e treinamentos.

Além da empresa CIRCO DOS SONHOS o empresário do Brasil, Eike Batista acaba de dar início a um novo projeto de eventos sociais voltado a arte. Nesta semana em 25/09/2012 a empresa IMX Arts que é administrada por Eike assinou uma proposta para no próximo ano trazer para o Brasil um novo espetáculo da companhia *Cirque Du Soleil*.

A IMX Arts, que terá sede no Rio de Janeiro, pretende explorar as vertentes de negócios do *Cirque du Soleil*, como eventos especiais e conteúdos criativos, disse o CEO da IMX, Alan Adler, ao anunciar a criação da IMX Arts. “Estamos criando a nova empresa com a idéia de desenvolver novos projetos para a América do Sul”, ressaltou.

O *Cirque du Soleil* é reconhecido pela beleza dos espetáculos, pelo empreendedorismo e compromisso social. Temos em comum a disciplina, a paixão e a vontade de inovar. Tenho orgulho dessa parceria que trará excelência em entretenimento para o Brasil e para toda a América do Sul”, à partir de 2013, disse Eike Batista. (<http://www.cirquedusoleil.com/cirquedusoleil/default.htm>-acesso em 21 de agosto de 2012)

O *Cirque du Soleil* teve origem a partir de um grupo de 20 artistas de rua em 1984, em Quebec, no Canadá e hoje tem cinco mil colaboradores, incluindo mais de 1.300 artistas performáticos de cerca de 50 países. Mas de cem milhões de espectadores em 300 cidades de 40 países já assistiram ao espetáculo do grupo.

O primeiro espetáculo da nova empresa no Brasil será levado aos palcos em 2013, ainda sem data programada, com bailarinos brasileiros, disse Alan. Segundo Daniel Lamarre, presidente e CEO da companhia, o “*Circo du Soleil* acredita no Brasil”. Ele explicou que o grupo *Cirque Du Soleil* tem mais um espetáculo a ser realizado sob o contrato com a *Time For Fun*. Esse contrato termina no final de 2013, mas a IMX Arts poderá realizar outros projetos nesse período. (<http://www.cirquedusoleil.com/cirquedusoleil/default.htm-acesso> em 21 de agosto de 2012).

"Como um grupo francocanadense, nós nos consideramos nativos e nos sentimos em casa no Brasil, onde contamos com platéias incríveis. Hoje tenho a sensação que nos tornamos cidadãos brasileiros.

Estamos totalmente comprometidos com o Brasil, e espero que para sempre. E quando se trabalha com Eike sabemos que teremos que ser audaciosos”,(LAMARRE,2012).

“É um sonho”, (BATISTA,Eike,2012), animado com o novo projeto do braço de cultura e entretenimento de seu grupo. Ele mencionou que o símbolo das duas empresas é um sol, e ressaltou que o dele era mais “coisa de engenheiro.”O deles é mais elaborado, mas, enfim, engenheiros também fazem arte”, brincou, afirmando que a IMX tem “uma vontade infinita de trazer eventos únicos para o Rio”.

O presidente da companhia Daniel Lamarre ressaltou que a nova empresa vai investir na assistência social no Brasil, como o *Cirque du Soleil* faz, repassando 1% do faturamento bruto a projetos sociais para jovens em situação de risco e para

melhoria de fornecimento de água no mundo. ([http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia.-acessado em:26setembro de 2012](http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia.-acessado-em:26setembro-de-2012))

Uma das mais antigas artes de espetáculo no mundo, como já dito o circo já teve os seus dias de esplendor, e também passou por fases de crise e decadência. Atualmente, algumas experiências buscam o resgate dessa expressão cultural, apresentando, inclusive, alternativas tecnológicas. Para aqueles que acompanham e vivem o circo a renovação é a única medida possível para a continuidade dele, mas é preciso conservar a magia e as figuras características da atuação, como o palhaço. Hoje é comemorado o Dia do Circo, 27 de março - e também o Dia Mundial do Teatro. A data presta homenagem ao palhaço brasileiro Piolin, que nasceu neste dia, no ano de 1897, em Ribeirão Preto, São Paulo. Considerado por todos que o assistiram como um grande palhaço, se destacava pela criatividade cômica e pela habilidade como ginasta e equilibrista. Ele foi considerado o pai de todos os que, sabiam fazer o povo rir.

"Não existe sensação melhor do que despertar o sorriso de uma criança, a reação feliz de um jovem ou adulto", comenta o professor Nilton Silvandir Bandeca, 38 anos, que atua como chefe de eventos e divulgação da Secretaria de Cultura de Araçatuba, mas exerce atividades circenses desde a adolescência. O professor de arte faz as vezes de palhaço em eventos culturais e em picadeiros da região, é quando se transforma no palhaço "Alegria". A motivação em fazer rir e a paixão pela comédia tiveram início com apresentações escolares e eventuais, e hoje é uma alternativa que garante satisfação e bem-estar. "Causar uma gargalhada com uma coisa ingênua e simples é um dom; mas é algo que faz bem para quem recebe e para quem promove. O circo é um meio contra o seqüestro da felicidade diária". (BANDECA, 2012)

Segundo BANDECA 2012, o público ainda se maravilha diante de um bom espetáculo. "O encantamento do circo não acabou, mas a sua evolução é necessária". A empresa circense passa por uma fase de transição. Considera

ainda, que a decadência do circo se deu porque as pessoas que desenvolviam a prática não acompanharam as inovações da sociedade. Não houve uma preocupação com o investimento na estrutura física, com som, iluminação e na qualificação dos artistas.

A profissionalização é destacada pelo artista, que pesquisa o assunto e acompanha o desenvolvimento da prática no Brasil e no mundo. Ele lembra da estrutura da trupe do Cirque du Soleil, criado em 1984, em Quebec, no Canadá. Premiado e reconhecido no mundo, o elenco dessa companhia é formado por especialistas em atividades circenses e teatrais. "É claro que se trata de uma realidade diferente, um outro tipo de espetáculo, mas serve de estímulo para aquilo que se deve ser apresentado nos circos pelo País. Muitos administradores de circo nunca assistiram a uma apresentação desse grupo que pode ser considerado parâmetro.

"Muitas famílias que exercem atividades circenses não se atentaram para as inovações, culturais e tecnológicas, e apresentam espetáculos ultrapassados. Para ele, o estigma que envolve a atividade atualmente é uma barreira a ser superada por aqueles que querem dar continuidade ao trabalho circense. (Bandeca,2012)"

Segundo Nilton, o público contemporâneo é exigente e avalia o que lhe é apresentado de acordo com o que pode ter acompanhado por meio de veículos de comunicação modernos. "As pessoas têm uma expectativa antes de entrar num picadeiro, e o ideal é que ela seja superada." O bom resultado é fundamental para a lotação da próxima sessão. (Bandeca,2012)

Existem muitas pessoas que nunca se envolveram com circo e agora passaram a olhar para este campo. São indivíduos que entendem o circo como

uma empresa e buscam profissionalismo". Alguns promotores desse tipo de atividade basearam as suas apresentações em números que usavam animais, principalmente bichos exóticos. Mas com o tempo e as leis que protegem os animais, isso foi acabando e perdendo o sentido. "Sou contra o uso de animais. Muitas vezes, a platéia se mostra tensa e preocupada com a apresentação de um bicho; circo não é para isso, é justamente para a descontração. Muitos donos de circos investiram nos animais e não no ser humano, e agora passam por dificuldades e precisam buscar pela profissionalização, a capacitação dos artistas".

(<http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=87865-acesso> em 7 de julho de 2012).

O público brasileiro aprecia as atrações perigosas, como os malabares em trapézios e domadores de animais ferozes. O uso de animais em circo é um assunto polêmico, pois muitas vezes esses animais sofrem de maus tratos. Atualmente, as atrações circenses são mais modernas e trazem muitas novidades tecnológicas, exemplo disso é o **Cirque du Soleil**.

Circo Contemporâneo

Hoje, o circo também tem uma ramificação que é o **circo contemporâneo**, que é aprendido em escolas, não só de pai para filho como antigamente. No Rio de Janeiro, surgiu à vários anos a chamada **Escola Nacional de Circo**. Nesta escola, jovens aprendem as técnicas circenses e quando formados, criam grupos e passam a se apresentar ao público. (<http://www.infoescola.com/artes-cenicas/historia-do-circo/>- acesso em fevereiro de 2013).

Hoje a Nau de Ícaros, o Teatro de Anônimo, o Circo Escola Picadeiro, o Linhas Aéreas, a Intrépida Trupe, os Parlapatões, o Circo Mínimo, os Acrobáticos Fratelli, Patifes e Paspalhões, fazem parte do Circo Contemporâneo Brasileiro

(<http://www.pindoramacircus.arq.br/escolas/roteiescolas.htm-acesso> fevereiro 2013)

CAPÍTULO 02.: DIAGNÓSTICO DAS CARACTERÍSTICAS DE GESTÃO.

1 - Organizações circenses no contexto da economia .

Este estudo exploratório buscou analisar a configuração e a dinâmica de organizações circenses, como diagnóstico das características de gestões nos circos. Foram usados documentos governamentais de domínio público e entrevistas com profissionais envolvidos com a realidade dos circos. Como resultados, foram identificadas características da estrutura organizacional dos circos, da sua forma de gestão e da sua relação com a sociedade e o mercado por meio das políticas públicas de cultura. Nesta relação foram observadas limitações, levando a questioná-las e a considerar possibilidades de novas ações que atendam as necessidades dos circos. Conclui-se que a preservação do capital cultural circense no Brasil é algo conduzido principalmente pelo agrupamento familiar nos circos e pela rede de profissionais circenses, com o apoio ainda escasso das autoridades, o que limita o desenvolvimento deste segmento na economia brasileira.

Neste capítulo, o objetivo foi descrever o sistema de gestão de uma organização circense e diagnosticar as características de gestão de um circo a outro, no qual, por meio de pesquisas, aplicação de questionários e entrevistas com os diversos profissionais, foram analisados o modo de vida e a gestão dos circos, além de obtermos relatos de problemas relacionados à inadequação entre as políticas públicas existentes e as necessidades apresentadas pela organização circense estudada.

O interesse em realizar esta pesquisa surgiu do pressuposto da possível desconsideração da prática circense como atividade da economia e patrimônio cultural brasileiro pelas organizações públicas.

Assim, os objetivos foram tratados principalmente sobre as organizações circenses e seu cotidiano, sendo tratadas a estrutura organizacional e as formas de gestão observadas nos circos estudados. São comuns as diferenças em características de gestão dos circos, desde a empresa circense familiar “Circo Família” ao circo moderno ou “Circo Contemporâneo”.

Com a modernização tecnológica e a evolução histórica do circo, as características de gestão dessas empresas mudaram na maioria das companhias circenses, pode-se dizer que com o avanço tecnológico e as novas formas de entretenimento, fez com que naturalmente os gerentes de circos ajustassem de alguma forma inovadora e por um certo lado ousado o modo de gestão e exibição de atrações de suas companhias.

Outro fator importante e decisivo mais recente, foi a proibição da exibição de animais nos espetáculos circenses. A gestão dos circos tiveram que literalmente reinventar seus trabalhos artísticos, devido a falta dos animais, grandes atrações que chamavam a atenção da população, principalmente quando o circo chegava nas cidades exibindo suas carretas, jaulas e cercados cheio de animais exóticos.

Em 2009 quando a lei da proibição de animais em circos foi aprovada, muitas casas de espetáculo, assim chamado o circo pelos circenses, pensaram em fechar as portas, alguns só pensaram, outros infelizmente não acharam outra opção para pagar suas dívidas ocasionadas pela fraca renda de bilheterias que decaiu-se muito neste período, à não ser em baixar sua lona, como dizia os circenses.

Foi um período marcante para o universo circense, relata o diretor de espetáculos, ex-domador, e ex-palhaço Bozo, Roberto Cassaly, em entrevista em Assis-SP em 15 de Novembro de 2011. (CASSALY, 2011)

CASSALY (2011) relata que de modo geral os circos foram prejudicados por esta lei, pois os animais eram um dos pontos mais fortes na atração e divulgação

do circo na cidade para o público, pois poucos tem acesso aos zoológicos e, esta era uma oportunidade de conhecer animais selvagens ou exóticos.

À partir da proibição a população se viu desmotivada com o circo sem animais. Como uma única decisão foi suficiente para influenciar tanto a sociedade e abranger tanta discussão, gerando uma enorme crise no cenário circense, comentou o ex-domador. Faltou apoio das autoridades e da população pela falta da atração de animais. (CASSALY, 2011)

A maioria dos circenses perceberam que teria que mudar seu modo de gestão e apresentações, para evitar sérios riscos de acabar a atividade circense. O famoso palhaço Arrelia em seu livro, *Arrelia e o circo*, disse “O Circo não pode parar”, o que impulsionou e fortaleceu a ideia de mudanças no cenário dos espetáculos de circo. O artista passou a ser o centro das atenções, mais valorizado e, adaptações tiveram que ser realizadas para garantir o emprego daqueles que não mais atuavam com animais, como os domadores e tratadores de animais.

Os circos inovaram em suas apresentações com novas atrações, modernizando e partindo para a idéia de apresentações de circo contemporâneo, os circos foram investindo em propagandas e em contratações de shows de TV, com artistas e personagens famosos, como PATATÍ e PATATÁ, Patrulha -Maluca com Bananinha, Comandante Durão e Rapadura, artistas de programas humorísticos da TV e personagens infantis, BACKARDIGANS, Bem 10, A Galinha Pintadinha, Homem-Aranha e Batman, entre outros. Assim o circo foi se fortalecendo aos poucos, processo este que ainda esta em plena evolução para assegurar o seu lugar no meio do entretenimento.

Foram utilizadas entrevistas em alguns circos visitados. Estas se deram por meio da elaboração de dois conjuntos de perguntas: um para ser utilizado com os profissionais envolvidos com a gestão; outro para os profissionais que não

exerciam atividades de gerenciamento, devendo-se levar em consideração que no primeiro circo visitado, ao qual denominamos “Circo A”, os membros responsáveis pela gestão também desempenhavam outras funções na organização, então optamos por utilizar ambos os grupos de perguntas para esses membros.

No primeiro circo visitado (Circo A), foram entrevistados três profissionais responsáveis pela gestão, e, como esclarecido, responsáveis também por outras atividades, e três funcionários que não atuam na gestão.

As principais perguntas elaboradas para a primeira fase do trabalho envolviam, na área da gestão e o planejamento das viagens, logística, levando em consideração que o circo é uma organização itinerante e que permanecia nos municípios de uma a quatro semanas, dependendo da demanda. Somado a isso, foram feitos questionamentos sobre a montagem dos espetáculos e atrações, as características do trabalho em um circo, informações gerais sobre os contratados, como origem (se de escolas de circo ou de outros circos, ou até mesmo sem experiência com a atividade circense) e escolaridade, informações sobre o processo criativo. Outros dados sobre a gestão e, por fim, sobre políticas públicas voltadas para a organização circense.

Também, foram utilizadas entrevistas com profissionais , que possuem contatos constante com diversos circos, e são conhecedores da realidade circense. Assim foi elaborado um segundo conjunto de perguntas, as quais objetivavam conhecer ações voltadas para a preservação do capital cultural circense, e um outro grupo de perguntas, objetivando conhecer melhor a realidade dos circos e as possíveis deficiências das políticas voltadas para as organizações circenses, além de discutir as informações obtidas nos circos visitados anteriormente. Além disso, as informações obtidas foram confrontadas com as leis e políticas federal e estadual que abrangem os circos.

1.1 Organizações circenses e seu cotidiano

O circo é uma empresa antiga e tradicional .

“Trata-se de uma instituição capaz de sobreviver por séculos sem grandes alterações em sua estrutura, possuindo ainda capacidade de se adaptar constantemente às mudanças, devido às habilidades e conhecimentos dos indivíduos, principal patrimônio da organização circense, responsáveis pela sobrevivência desta ao longo dos anos. (COSTA 2000).”

Os circenses discordam de Baroni (2006) quando esse afirma que os circos tradicionais viviam isolados do mundo exterior ao circo, sem se relacionar outras comunidades ou atividades culturais das cidades por onde se instalavam, o que provocou a ideia de que os circos só usufruem das instalações de uma cidade com o objetivo de ganhar o seu dinheiro sem outros envolvimento. Os relatos dos entrevistados circenses, apontam outra realidade, a de que existe interação dos artistas de circo com as cidades por onde transitam, desde os gastos com produtos básicos (alimentação e vestuário) até educação e outras formas de entretenimento, como cinema, teatro, festas, entre outras atividades culturais da região.

“Porém Baroni destaca como característica importante das organizações circenses tradicionais o nomadismo, ou itinerância, adotada como uma forma de sobrevivência às diversas dificuldades e sendo ainda uma contribuição cultural dos saltimbancos e ciganos.(BARONI,2006)”

Assim, foram entrevistados profissionais de dois circos que estavam em temporada na cidade de Assis-SP nos anos de 2012 e 2013,Circo Mundo Mágico

e Circo Fantástico, o que permitiu elaborar uma síntese que revelam a natureza estrutural e a forma de gestão dos circos, considerando uma comparação entre eles, sendo denominados como Circos A e B.

Características de gestão dos circos A e B em perspectiva comparada.

O primeiro circo estudado, Circo A, possui como principais características a itinerância e a gestão familiar, exercida pelo proprietário, sua esposa e filho, que cuidam da parte gerencial como um todo, com especializações e departamentalizações claramente definidas. O filho, além de exercer papéis gerenciais, também participa de apresentações no espetáculo, juntamente com os filhos, sua irmã e cunhado, e sobrinhos, tornando-se, da mesma forma como outros profissionais do circo responsáveis por outras atividades.

Além da família proprietária do circo, outras também vivem e trabalham na organização, geralmente vindas de outros circos, ou parentes indicados pelos indivíduos que já fazem parte da organização. É permitido aos integrantes da família do Circo A continuarem ou não trabalhando dentro do circo no futuro e, apesar da relutância em deixar a organização, ocorre investimento na educação das crianças para que elas tenham oportunidade de seguir carreira em outras áreas.

Foi afirmado, por todos os entrevistados, que não há problemas no circo, em termos técnicos profissionais. Observa-se uma flexibilidade e rapidez para resolver os problemas. Os gerentes do Circo A não contratam profissionais de escolas de circo, justificando que estes não possuem formação voltada para os circos tradicionais, sendo contratados então em outros circos, por meio da avaliação do número do profissional e posterior proposta de emprego. Afirmou-se ainda que essa troca é comum entre essas organizações.

Esta empresa circense, visa o empreendedorismo, eles investem muito em sua estrutura luxuosa e moderna e em seus espetáculos, contratando artistas

renomados e grandes atrações do circo nacional e internacional. Este modo de gestão atrai o público de todas as classes facilmente pela boa aparência que o circo aparenta ao chegar nas cidades com suas estruturas marcantes como, carretas personalizadas, trailers modernos, vários ônibus para moradia, além dos luxuosos e personalizados carros de propagandas como camionetes e vans que fazem a divulgação sonora do circo levando os artistas maquiados para panfletagem de divulgação do circo na cidade.

É de regra dessa empresa que os colaboradores, sejam artistas ou funcionários, trabalhem uniformizados com suas vestimentas personalizadas, e se dediquem ao público com extrema cordialidade e simpatia. Recepcionamos o público como gostaríamos de ser recepcionados, sem dúvida este modo de exercer nosso trabalho faz toda a diferença do nosso circo comparado à outros que percorrem o Brasil, relata o gerente do circo Mario Junior, Assis-SP, 10 fev. de 2013. (JUNIOR empresário, Proprietário Fantástico circo, 2013)

O Circo B, assim como o circo A, tem como destaque a itinerância e a presença de famílias tradicionais trabalhando na organização, a contratação de artistas de outros circos, por meio da avaliação do número e posterior proposta de emprego. Este circo B também investe em suas propagandas como o circo A, divulgam seus espetáculos em toda a mídia local e regional das cidades. No entanto, enquanto o circo A, investe em seus espetáculos com artistas e apresentações e, em suas grandes estruturas luxuosas e personalizadas, o Circo B, prefere investir mais em Marketing e propagandas sonoras, contratando shows da TV que possam atrair, principalmente, as crianças. Assim mantem uma estrutura menor, mas fácil e rápida de montar e desmontar e, com isso percorrer várias cidades em um curto período de tempo (de 5 a 10 dias), quando comparado ao Circo A (de 2 a 3 semanas).

As informações obtidas com as entrevistas realizadas, permitiu observar a existência de duas ênfases de atuação para com as práticas circenses: uma

focada na execução, ou na qualidade do espetáculo e empreendedorismo e outra na formação e propagandas insistentes para atrair o público. A ênfase na execução acontece no palco, picadeiro ou local de realização das atividades circenses, com finalidade comercial ou não, denominado como “casa de espetáculo”, onde a estruturação do circo é o principal elemento de distinção.

Para que um circo seja considerado tradicional, ele deve ser itinerante, o que diz respeito ao caráter nômade dos circos, aspecto fundamental para a sua sobrevivência e responsável pelo constante aprendizado da organização circense e sua capacidade de adaptação e ainda possuir tradição familiar. Isso diz respeito à convivência do profissional circense dentro da organização itinerante ao longo de sua vida, o que torna os profissionais, com conhecimentos gerais sobre cada processo da organização e a especialização em determinada área, mas com possibilidade de cobrir os outros profissionais caso esses não possam contribuir com sua parte.

A tradição envolve também o fato de os grupos familiares residirem no circo e a constante mudança delas em conjunto com toda a estrutura da organização. Mesmo que essa não seja formada somente por famílias tradicionais, o trabalho e o convívio entre os membros se dão de forma contínua, ou seja, não termina com o fim do espetáculo, fator determinado pela itinerância.

Assim, a partir de observações e dados obtidos por meio das entrevistas, identificou-se que há circos na contemporaneidade que podem ser considerados como não tradicionais, por não possuírem membros de famílias tradicionais na sua gestão e não serem itinerantes, possuindo estrutura fixa para os seus espetáculos.

Nessas organizações, geralmente a maioria dos indivíduos não residem no interior do circo. Comparecem no local somente durante o tempo em que trabalham e, após o término, retornam às suas residências. No caso do Circo B, apesar de não ser composto estritamente de profissionais de famílias tradicionais

circenses, a organização preserva as características de um circo tradicional, como a itinerância e conjunto de conhecimentos, habilidades e comportamentos mantidos e transmitidos pelas famílias tradicionais que fazem parte da organização. Assim, os circos não tradicionais são aqueles que não atendem a esses requisitos, são outras atividades, ou grupos de atividades, que utilizam a linguagem e práticas circenses em suas encenações como grupos de dança, grupos de teatro, profissionais de educação física que trabalhem com área artística, etc. É importante destacar que não ser tradicional não quer dizer que não possa ser considerado circo. Esta distinção não é rígida em alguns circos, podendo ocorrer a presença de algumas características tanto em circos tradicionais ou não.

A ênfase na formação acontece nas escolas de circo, externas ao circo, ou ainda no interior destes. Esses espaços de aprendizado são chamados de “espaços de especialização” de pessoas interessadas em competências circenses. Deve-se lembrar que os profissionais dos circos visitados, apesar de se especializarem em algumas atividades, podem possuir conhecimentos de outros processos da organização do espetáculo e não estritamente da técnica circense. Isso possibilita substituir outros profissionais quando estes não podem exercer o seu trabalho, bem como permite ao circense ter conhecimentos sobre as interdependências existentes nas atividades do circo, importantes para a sua sustentabilidade financeira como a comercialização de bens alimentícios e produtos recreativos infantis (como balões e brinquedos portáteis).

As técnicas circenses podem ainda ser utilizadas em programas sociais que visam à inclusão de jovens da periferia, os chamados Circos Sociais. O circo social pode contribuir para afastamento dos jovens da pobreza e da violência. (LOBO e CASSOLI, 2006)

1.2 - Principais processos e objetivos observados na dinâmica dos circos.

Considerando as características das organizações circenses no contexto da economia criativa é importante compreender as possíveis relações que os circos possuem, na qualidade de formas organizadas que se relacionam com o Estado Brasileiro e suas políticas públicas.

O Estado Brasileiro pode atuar com suas políticas públicas de cultura nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal. O Ministério da Cultura foi criado por meio de sua separação do Ministério da Educação e Cultura, prevista no Decreto nº 91.144, de 15 de março de 1985.

(<http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/FomentoIncentivo/File/lei-17.615-de-04-07-2008.pdf>). Acessado em: 28 jan. 2013)

Lei nº 6.533, de 24 e maio de 1978.

Dispõe sobre a regulamentação das profissões de artista e de técnico em espetáculos de diversão.

O Art. 29 garante aos filhos dos profissionais dos quais trata a lei, cuja atividade seja itinerante, a transferência da matrícula e vaga nas escolas públicas locais de 1º e 2º Graus, e autorizada nas escolas particulares desses níveis, mediante apresentação de certificado da escola de origem.

Lei nº 8.313, de 23 dezembro de 1991

Institui Programa Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC, cujo objetivo é apoiar e direcionar recursos para investimentos em projetos culturais. O PRONAC é composto de três mecanismos de financiamento, o Fundo Nacional de Cultura FNC, a modalidade Mecenato, e o Fundo de Investimento Cultural e Artístico – FICART.

Lei nº 17.615, de 4 julho de 2008,ou Lei Estadual de incentivo

Permite às pessoas jurídicas incentivarem a cultura, com abatimento no ICMS, com contrapartida de 3%, 7% e 10%, de acordo com o faturamento da empresa, segundo consta no corpo da lei.

Quanto aos mecanismos do PRONAC, o FNC é proveniente da arrecadação de outros fundos públicos, que permite investimento direto do Ministério da Cultura em projetos culturais, financiando 80% do valor do projeto e exigindo 20% de contrapartida em recursos ou em bens e serviços; a modalidade Mecenato faculta às pessoas físicas ou jurídicas incentivarem a cultura, abatendo no imposto de renda, com contrapartida, para pessoas físicas, de 20% na categoria doações e 40% na categoria patrocínios, como pessoas jurídicas, 40% na categoria doações e 30% na categoria patrocínios; o FICART, que permitiria aplicação em projetos culturais de caráter comercial, por meio de fundos de investimentos criados por instituições financeiras, porém esse mecanismo não foi ativado.

(<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/09/decreto-criacao-minc.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2013).

O problema que surge com as leis de incentivo é que as empresas escolhem patrocinar os grandes eventos e nomes já consagrados, então o incentivo passa a ter o objetivo de fazer publicidade da marca, em vez de realmente fomentar a cultura. Assim, os circos tradicionais, principalmente os menores, são excluídos do processo, o que pode acontecer também com outras organizações das diversas áreas da cultura.

(<http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/FomentoIncentivo/File/lei-17.615-de-04-07-2008.pdf>>. Acessado em: 28 jan. 2013.)

2 - Políticas de incentivo à cultura que abrangem os circos no Brasil.

2.1 - INCENTIVO FISCAL ou PATROCÍNIO DIRETO

Trata-se de uma oportunidade para lançamentos de produtos, espetáculos personalizados além de elaboração de vantagens para seus clientes, funcionários ou fornecedores, utilizando o circo como ferramenta de promoção eficaz, como por exemplo, sua marca estampada em embalagens de alimentos (pipocas, hot-dog, copos, guardanapos), brindes e diversos outros formatos. (<http://www.circodossenhos.com/patrocinio> -acessado em:15 de setembro de 2012).

Toda ação de marketing que usa a cultura como veículo de comunicação para se difundir o nome, produto ou fixar imagem de uma empresa patrocinadora é chamada de marketing cultural. Para se fazer marketing cultural não há fórmula fechada, pois há variáveis que, conforme combinadas, podem resultar numa excelente ação de marketing. O que manda é a criatividade para atingir o público alvo de forma a atender os objetivos de comunicação da empresa com os recursos disponíveis. (<http://www.circodossenhos.com/>-acessado em:15 de setembro de 2012).

Ao patrocinar um espetáculo circense, por exemplo, a empresa pode não só associar sua marca àquele tipo de música e público como pode também oferecer amostras de produto (promoção); distribuir ingressos para os seus funcionários (*endomarketing*); eleger um dia exclusivo para convidados especiais (*marketing* de relacionamento); enviar mala-direta aos consumidores/clientes informando que o show está acontecendo e é patrocinado pela empresa (*marketing* direto); mostrar o artista consumindo o produto durante o show (*merchandising*); levantar informações gerais sobre o consumidor por meio de pesquisas feitas no local (*database marketing*); fazer uma publicação sobre o evento (*marketing* editorial); realizar uma campanha específica destacando a importância do patrocínio (publicidade) e muitas outras ações paralelas que tem o poder de ampliar a ação de *marketing* cultural.

De todas as opções de bens culturais à disposição dos consumidores, sem dúvida, o circo é o que mais propicia proximidade com o público, já que seus artistas se apresentam em um picadeiro próximo aos espectadores e sempre existe grande interação entre eles. Esta interação traz os consumidores para dentro deste universo fantasioso, todos sentem-se como parte integrante do circo. É neste contexto que um produto pode ser anunciado, o circo oferece um universo muito amplo de possibilidades de divulgação de produtos. Desde logos em caixas de pipoca a grandes cartazes, stands, publicidade audiovisual exibida em telões no picadeiro, publicidade apenas com áudio na abertura, intervalo e encerramento, e tantas outras formas. (<http://www.circodossenhos.com/> -acessado em 14 de julho de 2012).

Prêmio Funarte - Carequinha de Estímulo ao Circo.

O objetivo é apoiar circos, companhias, trupes ou grupos circenses, destinando recursos para viabilização de projetos e premiação de artistas circenses por sua contribuição para o desenvolvimento e divulgação dessa arte (FUNARTE,2010).

Prêmio Cena Minas.

É realizado pelo Governo de Minas Gerais, por meio da Secretaria de Estado de Cultura e da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa), em parceria com o Instituto Cultural Sérgio Magnani, através de recursos da Lei Rouanet, objetiva incentivar as áreas de teatro, dança e circo (SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS, 2011).

Fundo Estadual de Cultura.

É um instrumento de apoio complementar à Lei Estadual de Incentivo e outros mecanismos de fomento do Estado, voltado aos projetos que encontram maiores dificuldades para captar recursos do mercado. Para concorrer ao incentivo, pessoas jurídicas com ou sem fins lucrativos devem submeter um projeto, de acordo com sua área, para serem avaliados por uma comissão (SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS, 2011b).

O Prêmio Cena Minas se utiliza da diferenciação de circos tradicionais e não tradicionais, visando proteger os circenses tradicionais, evitando que outras atividades que se utilizam da linguagem circense, como teatro, dança, entre outros considerados circos não-tradicionais, concorram pelos mesmos prêmios ou incentivos do governo na mesma área, o que não ocorre com as demais formas de incentivo financeiro citados.

O circo A não direciona suas atividades para a formatação de projetos, visando pleitear incentivos financeiros, tanto financiamentos diretos de empresas quanto indiretos por meio de Leis de Incentivo, mas sempre procuram por patrocínio nas cidades em que se instalam.

Observou-se nas reuniões com os artistas, a inclinação dos gestores de empresas por outras atividades culturais, como grupos de dança e de teatro, que demonstram aplicação e organização no uso de recursos comuns da linguagem gerencial na comunicação de propostas. Todavia, segundo relatos dos circenses, ainda se desconsidera o circo no meio empresarial como uma atividade financiável, o que pode estar intensificando a possível marginalização desta atividade no campo da cultura.

O circo B possui parcerias com outras organizações para execução de projetos socioculturais que envolvem incentivos financeiros. Esse circo se diferencia de outros menores por já ser uma organização bem conhecida, possuindo uma “marca” que a torna atrativo para o público, podendo facilitar parcerias com empresas para a captação de recursos.

Observou-se nesta pesquisa que os circos passam por grandes dificuldades, mas mantêm suas práticas em funcionamento para garantirem a sobrevivência dos seus profissionais. Os circos não se afastam do conteúdo artístico para conseguir maior domínio na área administrativa, pois, no caso dos circos A e B, os

membros da família exercem funções administrativas. Não mudar sua estrutura organizacional e dinâmica para se adaptar a essas formas de incentivo financeiro pode contribuir para a dificuldade de se adaptar ao mercado.

A configuração e dinâmica dos circos se diferenciam, e o que existe de semelhanças pode ser causado por sua itinerância, que define um modo comum de vida, a infraestrutura do circo como picadeiro, arquibancadas, lona, entre outros elementos, iguala-se por ser uma característica que define e torna reconhecível esse tipo de organização artística como circo.

2.2 - Fatores Críticos na Relação entre Circos e o Estado no Brasil.

O presente trabalho aponta, uma inadequação entre as políticas públicas existentes e o modo de vida itinerante dos circos, ocorrendo a necessidade de novas políticas específicas para minimizar ou resolver o problema. Além disso, foram identificados problemas originados do desconhecimento por parte do público, mercado, imprensa e governo da realidade do circo e de suas necessidades, o que também dificulta a criação de leis específicas, conforme observações e informações obtidas com circenses .

(<http://www.cultura.mg.gov.br/?task=interna&sec=9&cat=60>>. Acesso em: 18 fev. 2013.)

Um problema derivado da itinerância dos circos é a falta de representação política da classe profissional circense por não haver indivíduos que possam participar do cotidiano político de um determinado local, sendo que essa mobilidade também gera outros problemas relacionados à falta de endereço fixo, como: a impossibilidade de conseguir financiamentos e possuir conta bancária; os circenses não possuem acesso a programas sociais; o direito de voto só pode ser exercido caso o circense compareça na cidade onde obteve o seu título de eleitor, o que é inviável, já que esse pode estar trabalhando junto com o seu circo em

outro local, sendo impedido de participar na política, privando-os, novamente, de representantes políticos.

Os altos custos para a instalação da estrutura dos circos nas cidades, pelo excesso de documentação exigida e pela falta de espaços públicos, sendo necessário alugar terrenos privados, ao contrário de outras atividades da área de cultura e lazer, que possuem espaços cedidos pelo poder público, como palcos de teatro, galerias, museus e praças de esporte. Além disto, a dificuldade para se obter um Alvará de Licença em cada cidade por que passam, pois cada município estabelece os requisitos necessários para as apresentações circenses, o que demanda para cada município, reunir documentação a cada estadia, em cada município. O não cumprimento da lei por parte dos representantes do poder público e de membros da sociedade, também tornou – se um sério problema para as apresentações circenses nas escolas, o que contraria o Art. 29 da Lei 6.533/1978 e, isso tem impedido os circenses de se instalarem nas cidades, e, por consequência , que eles exerçam seu trabalho, o que priva também os moradores da cidade do acesso à cultura. (<http://profgege.blogspot.com.br/2008/03/circo.html>.-acesso em 05 outubro de 2012)

CAPÍTULO 03: O DISTANCIAMENTO EM RELAÇÃO A TRADIÇÃO

Neste capítulo o foco está centrado na análise das mudanças ocorridas no espaço cênico do circo ao longo do tempo. O despertar do Século XVI dá-nos a oportunidade de pensar na chegada do circo ao Brasil, logo após ter sido descoberto por Cabral. Mudanças surgem na primeira década do Século XIX com a chegada da Família real portuguesa, fugindo das tropas napoleônicas. A partir desse momento vamos receber a visita de muitos grupos familiares circenses vindos da Europa para mostrar seu trabalho nas novas terras.

No final do Século XIX como referência, quando muitas dessas famílias decidiram ficar por aqui, foi possível separar os espetáculos apresentados em quatro tipos diferentes: 1) Circo de Variedade – O circo tradicional apresentando habilidades físicas, animais exóticos e acrobacias. 2) Circo de Pantomimas – Quando não se tem mais animais e a pantomima passa a ocupar a arena. 3) Circo Teatro – O picadeiro torna-se ainda menor e surgirá um palco para a apresentação de espetáculos teatrais. 4) Circo Pavilhão – O palco aumenta ainda mais saindo para fora da tenda. Não havia números de variedade e o público procura o circo apenas em busca de apresentações de teatro.

(<http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013)

A itinerância das companhias circenses, assim como a escassez de recursos, acabam por exigir que a cenografia circense seja extremamente compacta e, ao mesmo tempo, reduzida a um mínimo de elementos concretos. Esse conjunto cenográfico tem como função primordial apenas servir de instrumento para que a platéia possa localizar o espaço projetado e ordenado que representa um meio físico e um meio psicológico, especialmente concebido para abrigar ações humanas reais, vividas por personagens ficcionais.

O aproveitamento da mão de obra disponível para a execução dessas

apresentações, prescindindo, quase sempre, de um profissional habituado com os princípios teatrais, acaba por impor uma linguagem própria caracterizada, na maioria das vezes, por um tom primitivo no tratamento das imagens. O resultado que se vê sobre o pequeno palco é bastante rico e harmoniza-se com a ingenuidade dos textos encenados, assim como vai ao encontro das expectativas quase infantis da platéia.

A limitação imposta pela carência de verbas destinadas especialmente à produção desses espetáculos exige que a mesma seja o mais econômica possível, valendo-se de um mínimo de elementos que, diante dos olhos da platéia, adquirem um aspecto essencialmente representativo. O que se constata é que nesse tipo de composição cênica, a grande maioria dos elementos é dotada de um caráter funcional e temporário, já que, devido a essa mesma insuficiência financeira, deverá servir a outros propósitos na próxima montagem.

Neste capítulo a análise e reflexão que se destina, aos interesses nas ramificações do “circo”, considerando-se que a cenografia é uma de suas mais significativas colunas de sustentação. Além de descrever um trajeto percorrendo 4 fases distintas pelas quais passou o circo no Brasil, desde o espetáculo de variedades, até o pavilhão, tendo entre os dois extremos as pantomimas e o circo-teatro, examinaremos a formulação das apresentações teatrais, tradicionais, e contemporânea, e suas mudanças em relação ao distanciamento da tradição para o espetáculo moderno da era atual.

Ao falar em espaço cênico circense, compreende-se, de início, uma área determinada, abrangendo dois setores específicos: um para os que se apresentam e outro para os que assistem. Importante assinalar que, tomando como ponto de partida a estrutura circular ou oval da lona, ambos os setores organizam-se e ajustam-se, buscando otimizar da melhor forma possível a ocupação do terreno onde o circo se instala.

Chama-se o território destinado aos que se apresentam de área de espetáculo, dividida em outros dois espaços distintos: palco e picadeiro(CASSALY,2011)

A representação teatral, os "shows" de cantores, as apresentações de artistas convidados, aconteciam, na maioria das vezes, na região mais nobre do espaço: o *palco*. Dentre os circenses a palavra *palco* indica apenas um piso retangular elevado, situado junto a uma das bordas da tenda, com um rompimento para entradas e saídas junto ao fundo. .” (TORRES 1998) .

Segundo Torres (1998) todos os demais números incluídos na variada programação, que apresentava desde exibição de luta- livre e cantores, até adestramento de animais, passando pelos indispensáveis palhaços, devem se utilizar do *picadeiro* para a apresentação de suas habilidades. Entenda-se por *picadeiro* uma área circular ao nível do chão, de terra batida, recoberta de serragem, ocupando o centro da lona, funcionando justamente como uma arena, em relação frontal com o *palco*..

Os espectadores acomodam-se em dois tipos de lugares com valores de ingresso diferentes. O preço mais econômico geralmente dá direito a um espaço indeterminado, sem encosto, na arquibancada, ou geral, que mais se assemelha a uma grande escadaria, armada de forma a acompanhar toda a borda da tenda, interrompendo-se em dois pontos específicos, lateral e central: um para a entrada do público e outro para o palco, comunicando-se com o exterior da lona. Já os circos modernos utilizam arquibancadas de alumínio ou ferro, que são chamados no circo de "praticado", e subdivididos em 2 setores, sendo, lateral com um preço mais econômico e central com visualização central para o palco ou picadeiro com um valor um pouco acima da lateral . Além das acomodação denominadas como área vip e camarotes formado por cadeiras com divisórias ao praticado defronte ao palco ou picadeiro proporcionando melhor visibilidade e contato com o

artista, sendo em preços diferenciados e mais elevados.”(CASTRO 2005)

Certamente a itinerância é um dos aspectos que mais cativa o público, seja ele criança ou adulto é a ideia de liberdade, fazendo do homem circense um cidadão do mundo, senhor de seu destino, desligado de qualquer tipo de amarras e convenções, ainda que fazendo parte integrante delas e dependendo das mesmas para sua sobrevivência. Situação essa da itinerância que prevalece até hoje nas empresas circenses. Este aspecto nômade do circo, que o leva a deslocar-se de uma região para outra, sem aspirar por uma base fixa em lugar algum, é bastante atraente para todos aqueles que, de alguma forma, sentem-se prisioneiros de um cotidiano .

Existe um consenso levando todo tipo de espectador a entender o circo como um espaço onde tudo é possível e o ser humano destaca-se diante da população. A ilusão do belo, traduzido por lindas mulheres, com maquiagens fascinantes e roupas luxuosas, criam um efeito mágico, onde o público traduz como, o tempo parou em uma época, não há envelhecimento ou tristezas, a imagem do belo e permanente. As Crianças são alegres, risonhas e, simpáticas, portadoras de características super-dotadas, sem nenhum tipo de problema, doença ou desânimo, bem vestidas e, um exemplo a ser seguido por outras crianças. Estas crianças desafiam as leis da gravidade, voando no espaço, balançando-se no trapézio, com total liberdade, como os passáros.

No centro do picadeiro feras são submetidas ao comando do homem que, de posse desse dom, o domínio de animais ferozes é um espetáculo que gera sentimentos de reprodução da imagem do Criador. É como se toda a natureza e suas forças estivessem sob seu controle, sem que isso lhe custe algum esforço, já que tudo é feito com um sorriso.

Durante as apresentações, o palhaço transfere para uma plateia a sensação

de otimismo, esperança e simplicidade. Por mais difíceis que tenham sido as experiências por ele vividas, tudo converge para uma absoluta convicção de que tudo será na maior perfeita apresentação. A figura do palhaço assemelha-se a uma entidade superior, e pelo inesperado de suas reações diante das adversidades..

Mas há algo que contagia toda esta gente que se exhibe debaixo das lonas e que vai muito mais além do exercício da força, dos atributos da beleza, do talento para despertar o riso, ou de qualquer outra habilidade: a coragem. No picadeiro os artistas circenses dão a impressão de desconhecer o sentido do medo e a prova disso são os novos desafios aos quais se lançam a todo instante, conscientes de que isso faz parte da profissão de risco que abraçaram. .”(CASTRO 2005)

Os aspectos característicos apontados na composição do artista circense estão presentes desde o início da humanidade e atravessaram diversas civilizações, exercendo o mesmo poder de atração sobre os indivíduos, independentemente do sexo, da classe social que ocupam, da faixa de idade a que pertençam ou do grau de conhecimento que possuam. <http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013)

Em qualquer época e, em qualquer lugar, o picadeiro foi o centro das atenções, na expectativa de que alguma coisa muito diferente sempre vai acontecer, diante dos espectadores, testemunha do espetáculo.

1 - Da Antiguidade greco-romana à Idade Média e Renascimento

Os sátiros, figuras indispensáveis nos rituais dionisíacos, na antiguidade greco-romana, invadiram outras áreas, com seus falsos falos pendurados entre as pernas, suas máscaras disformes e grotescas, fazendo rir o povo e dando origem a uma linhagem de artistas do picadeiro, que, mais tarde, viriam a se tornar parentes próximos dos palhaços. <http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013).

Na Idade Média e Renascimento, buscando escapar às possíveis perseguições da Igreja, zelosa da moral e dos bons costumes, os artistas circenses tornaram-se itinerantes, andando de uma cidade para outra, em busca do público que não sabia onde encontrá-los. Caminhar em grupos sempre foi mais fácil do que empreender a uma jornada solitária. Com base nesse princípio, saltimbancos de todas as categorias reuniam-se em caravanas, entendendo que a união faz a força. Desse encontro surgiram famílias, ou núcleos de trabalho, ligados por laços sanguíneos, ou apenas por afinidades, que percorriam estradas e rotas, descrevendo longos trajetos que terminavam, temporariamente, em encruzilhadas, becos, vielas, praças e mercados (<http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013)

O tempo de permanência era invariavelmente muito curto: o necessário para que os poucos habitantes das vizinhanças tomassem conhecimento das atrações apresentadas e contribuíssem com algumas moedas que permitiriam à companhia ir um pouco mais adiante.

Além das demonstrações de força física, equilíbrio, agilidade e leveza, encaixaram-se agora os números cômicos vividos pelos velhos integrantes, que já não possuíam a mesma vitalidade de antes, ou crianças, ainda em fase de preparação. Os pequenos, desde muito cedo, eram submetidos a treinamentos diversos, para que pudessem encontrar suas verdadeiras aptidões. Tão logo tivessem se apropriado desses conhecimentos, eram expostos aos olhos das multidões, que se admiravam com a flexibilidade infantil.

Surgem ainda na idade média os números musicais, nos quais os homens tocavam instrumentos diversos e um conjunto de mulheres executava algum tipo de dança, atendendo especificamente aos interesses e à curiosidade da população masculina local.

Da mesma forma, durante a Idade Média, o circo vai abrigar um outro tipo de

artista. Números primários de mágica conquistam o público que não conseguia entender como é que mãos tão ágeis faziam desaparecer moedas diante de seus olhos e de dentro de seus bolsos.

Malabarismo com objetos diversos era presença em uma representação circense. Bolas, arcos, garrafas e frutas já haviam sido incorporados à tradição das apresentações. Com o passar do tempo, novos elementos foram sendo acrescentados a esta atração em particular: tochas incandescentes, armas afiadas, botas e chapéus.

É também nesse período que essas companhias ambulantes irão somar aos seus elencos algumas aberrações da natureza, atraindo a curiosidade do público que se mostrava muito interessado em ver de perto anões de estatura mínima, portadores de deficiências diversas e moléstias ainda desconhecidas. Esses seres exóticos, por força das circunstâncias, faziam de suas anomalias, no meio das praças ou em cima de carros, uma forma de sobrevivência. É sabido que, freqüentemente, eram os próprios familiares daquela criatura os primeiros a procurar as companhias circenses para, em troca de alguns tostões, vender-lhes uma nova atração e livrar-se de um velho problema. (<http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013)

Animais entram nesse programa desempenhando diversos papéis. Cavalos exibem-se em números de adestramento. Cães dançavam equilibrando-se sobre duas patas e pequenos macacos, vindos de terras distantes, provocavam muito mais riso, quanto maior fosse sua semelhança com ares e gestos humanos.

Partindo das sobras de uma memória ancestral que remonta aos tempos do circo romano, os artistas do picadeiro, no momento em que optaram por procurar um ponto para fincar suas bases, vão levantar uma grande tenda coberta. Obedece-se ao mesmo modelo latino com a área de representação no centro do espaço, que traz de volta a imagem da praça, e cadeiras dispostas de forma

concêntrica, compondo um anel em torno da arena. A doma de cavalos selvagens, e a prática da montaria sempre estiveram, desde tempos imemoriais, associadas aos hábitos da aristocracia. Alguns cavalos de linhagem selecionada, vindos de muito longe, valiam verdadeiras fortunas e poder exibi-los diante dos olhos alheios era uma forma de demonstrar poder, autoridade, riqueza, elegância e bom gosto. <http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013)

2 – No Século XVII e Século XIX

No século XVII, com todas essas idas e vindas, é natural que as companhias se encontrem nas encruzilhadas das estradas e trocassem entre si experiências, relatassem fatos ocorridos, alertassem para possíveis perigos e dividissem conhecimentos.

O intercâmbio de mão de obra artística entre os componentes dessas companhias também era digno de registro e, novos integrantes eram admitidos nos grupos já solidamente estabelecidos, assim como aceitava-se a partida de velhos companheiros.

Seja qual for o idioma natal da maioria dos membros de uma trupe, a língua não representa nenhum tipo de obstáculo para que ocorra a comunicação plena, internamente, ou entre o artista e seu público.

Não havia, a preocupação da companhia em se ter uma unidade monetária para equacionar seus negócios nas diferentes praças visitadas. A coleta era sempre feita com valores locais e o mecanismo de troca prevalecia em grande parte das vezes. Para contornar tempos de pouco público, artistas circenses desenvolviam, atividades manuais, produzindo artefatos diversos, que variavam de utensílios metálicos para uso doméstico, até artigos de couro, cuidadosamente

manufaturados.É possível entender que Philip Astley, como , foi buscar no circo romano a inspiração para implantar as fundações do circo contemporâneo. O circo coberto de (ASTLEY 1780)

No século XIX, destaca –se a grande força exercida pela transmissão verbal dos conhecimentos, preservados até os dias de hoje. Pontos fundamentais das características notadamente teatrais, associadas à destreza corporal, permaneceram presentes no vocabulário do mundo circense.

O circo Norte- americano, introduz animais exóticos na arena circense, sendo o primeiro a exibir um elefante, o que deixou a plateia deslumbrada. O baixo investimento deste espetáculo, rendeu um grande retorno financeiro (<http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013)

O circo no Brasil tem como tradição ligar os ciganos às práticas circenses. Muitos anos antes dos grandes descobrimentos, representantes dessa etnia eram figuras de destaque nas apresentações de feiras, nas praças e nas vielas, demonstrando suas mais diversas habilidades. Entre essas especialidades atribuídas aos ciganos incluem-se a doma de animais, ilusionismo, e exibições de destreza com animais. Alguns relatos dizem que a presença de ciganos era obrigatória nas festas populares, pois eles traziam a música, a descontração, a dança e a alegria. Muitas vezes erguiam suas tendas utilizadas como habitação para servir de abrigo às representações, que tinham no seu programa até mesmo números de teatro de bonecos. Adeptos do nomadismo, as tribos ciganas deslocavam-se de uma cidade para outra. Esses bandos adaptavam seus espetáculos ao gosto dos habitantes do local e muitas vezes aceitavam sugestões desses. O resultado era a criação de novos números. Lombos de burros eram o meio de transporte mais utilizado e as apresentações mais bem sucedidas coincidiam com os dias de festas apontados no calendário religioso. <http://www.circoshistorias.org.br/Circos.html>) > Acesso em: 07 de Fevereiro de 2013).

Affonso Ávila, em seu livro *O teatro em Minas Gerais* aponta diversas manifestações circenses ocorridas nesse estado na segunda metade do século XVIII e século XIX. Eram representações teatrais mescladas com números de danças, palhaços e pantomimas completas, comandadas por José Chiarini. Este representante da família italiana Chiarini tinha em seu currículo mais de 200 anos de tradições circenses em feiras, ruas, praças e mercados da Europa. O tráfico de escravos, comum nessa época, também servia para enriquecer as companhias itinerantes, que viram no negro um potencial novo para a exibição de força física e talento musical. Os espetáculos desse período, se é que podem ser chamados assim, caracterizavam-se por uma sucessão de números desconexos entre si, onde cada um dos componentes da trupe mostrava ao público o que era capaz de fazer. Essas trupes, vivendo ainda dentro de um espírito medieval, reuniam em suas fileiras três espécies distintas de circenses: os ciganos, os europeus de origens diversas e os negros vindos do continente africano.

O circo brasileiro, por tradição, valoriza e investe no elemento humano, pondo em evidência suas destrezas, habilidades e, acima de tudo, a inquestionável criatividade nacional.

No espírito de adequação que o circo adotou para ajustar-se às muitas variantes da realidade brasileira, reservou-se um lugar especial para os palhaços, que aqui ganharam destaque e notoriedade, tornando-se figuras exponenciais das quais depende, substancialmente, o sucesso de uma companhia.

O circo que se estabeleceu em nosso país moldou algumas de suas atrações ao gosto das multidões que, quase sempre, deixavam-se encantar logo à primeira vista pela figura do palhaço que, graças à sua participação, fazia, por alguns instantes, com que aquela gente se esquecesse das dificuldades da vida.

O palhaço brasileiro não faz uso do silêncio como instrumento de

comunicação, tal como os europeus que empregam a mímica como linguagem. O nosso palhaço, pelo contrário, sintetizou de maneira exemplar o aspecto cultural da comunicação brasileira.

O palhaço que melhor atende às expectativas das platéias brasileiras é aquele que soube adicionar uma certa sensualidade comedida que transparece em ares de conquistador. A malícia é permitida porque nunca extrapola os limites do duplo sentido. Algumas vezes a verdade e a sinceridade não são seus maiores atributos, mas em sua boca a mentira é sedutora e atraente e, por força de sua graça, qualquer infração cometida pode ser facilmente perdoada.

O palhaço brasileiro canta, toca instrumentos, executa passos de dança, é réu e vítima ao mesmo tempo, ingênuo, lançando mão de todos os recursos ao seu alcance para, conscientemente, vir a se tornar a grande atração do circo. (<http://www.circoshistorias.org.br/Circos.html>) > Acesso em: 07 de Fevereiro de 2013)

O público que aqui habitava era o resultado de uma fusão de raças, hábitos e costumes, apresentando, até os dias de hoje, características distintas das platéias européias ou americanas. Enquanto essas apreciam a técnica circense como um veículo de expressão artística, no Brasil o que mais chama a atenção e emociona a audiência são os números perigosos, transformando em grandes atrações o trapézio, os animais ferozes e os palhaços.

A paixão da platéia brasileira pelos animais selvagens obrigou as companhias a adquirir espécies oriundos principalmente da fauna africana. As longas viagens de travessia do oceano, acomodadas em jaulas improvisadas, associadas às péssimas condições de higiene dessas embarcações, faziam com que as feras desembarcassem em nossas terras portando algumas enfermidades que, devido à inadequação ao clima, demoravam muito mais para serem tratadas e combatidas.

No momento em que, pressionadas pelas constantes crises econômicas e mudanças no sistema de governo que imprudentemente sem dar nenhuma chance pelo menos aos grandes circenses que cuidavam e tratavam corretamente de seus animais, criaram uma lei na qual proibisse qualquer tipo de animais para exposições em seus espetáculos, sendo que o cachorro, gato, pássaros e outros, são animais domésticos e podemos ter em casa, além dos rodeios que se fortalecem a cada ano com exposições de touros ferozes e belos cavalos . As companhias não tiveram mais condições de continuar importando animais para encher os olhos dos espectadores, foi preciso pensar em uma solução rápida que substituísse as atrações em extinção e mantivesse o público interessado no espetáculo circense. É nesse instante que nasce o “circo moderno ou contemporâneo, encontrando no Brasil o solo mais fértil para a multiplicação de sua arte. (CASSALY, 2011)

Para abrigar o espetáculo moderno contemporâneo e de teatro, os artistas circenses reproduziram o modelo criado por Franconi em Paris, aproveitando uma parte da platéia, em frente ao picadeiro, onde se instalou um palco, italiano por excelência.

O espaço do circo brasileiro é uma réplica do europeu, fazendo do picadeiro central o ponto de convergência das atenções em torno do qual distribuem-se as cadeiras. Até mesmo os circos mais pobres reproduzem esse modelo, convictos de que essa é a melhor maneira de apresentar suas atrações aos olhos do público. ” (TORRES, Antônio, O Circo no Brasil, São Paulo, São Paulo, Círculo, 1998, p. 33) .

Apesar de todas as mudanças e distanciamento dos circos atuais em relação a tradição, é notório que a grande maioria apresenta de alguma forma algo da tradição circense até os dias de hoje, seja em apresentações ou estrutura. Além da baixa dos circos pela perda dos animais em seus espetáculos, a própria sociedade se distanciou e deixou de valorizar a arte circense, até mesmo pelas inovações em

shows modernos que atraem os jovens. De qualquer forma, vivemos uma era de inovação na qual os grandes circos estão retornando com novas propostas e de interesse geral da sociedade, independentemente da faixa de idade ou classe social. O circo novo vem para todos. (ORFEI, Orlando. 2010)

CONCLUSÃO:

Procurou-se desenvolver uma contribuição científica, somada aos esforços empreendidos pelos artistas e profissionais do circo que tentam propagar e preservar o capital cultural circense. O trabalho demonstrou que é possível contribuir com a produção de conhecimento sobre a realidade dos circos, mesmo com a escassez de informações bibliográficas disponíveis sobre as organizações circenses, sobretudo relacionadas às áreas de administração e da economia. Verificou-se a dificuldade em se manter contato com os profissionais circenses, devido à itinerância, movimentação dos circos pelos diversos municípios e a concentração de órgãos representativos em outras cidades.

Constatou-se que a preservação do capital cultural e da tradição circense é algo conduzido principalmente pelo agrupamento familiar e pela rede de organizações circenses que demonstrou ser necessária, com o apoio ainda discreto do Estado, para que o circo sobreviva e mantenha “vivo” o seu capital cultural.

Vale acrescentar que as escolas de circo, apresentam-se como um potencial espaço para contribuir com a preservação e disseminação das práticas circenses.

Foram identificadas limitações e restrições no que diz respeito às práticas e às leis que afetam a organização circense, ocorrendo possibilidade, e necessidade, de melhorias legais que atendam às necessidades das organizações circenses. Há necessidade de organizar uma rede que possa representar politicamente o circo nos municípios, com a criação de núcleos interligados com as organizações representativas da classe circense, melhorando a comunicação dos circos entre a sociedade e os representantes públicos. Tais aspectos relacionados às relações dos circos com os governos federal, estadual e municipal têm indicado, com base em evidências da pesquisa, a existência de dificuldades de articulação sociopolítica em prol do desenvolvimento sistematizado deste segmento da economia no Brasil.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONI, José Francisco. Arte circense: **a magia e o encantamento dentro e fora das lonas**. Pensar a Prática, v. 9, n. 1, jan./jun. 2006 . Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/126/121>>. Acesso em: 24 fev. 2013.

BELO HORIZONTE (Minas Gerais). Lei n. 9.845, de 8 de abril de 2010. Altera a Lei nº 8.616, que contém o Código de Posturas do Município de Belo Horizonte, e dá outras providências. Disponível: <http://cmbhapweb.cmbh.mg.gov.br:8080/silinternet/consultaNormas/det>. Acesso em: 28 jan. 2013.

BOLOGNESI, Mário Fernando.

O corpo como princípio. Trans/Form/Ação, Marília, v. 24, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 dez. 2012.

BRASIL. Decreto nº 91.144, de 15 de março de 1985. Cria o Ministério da Cultura e dispõe sobre a estrutura, transferindo-lhe os órgãos que menciona, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 15 mar. 1985. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/09/decreto-criacao-minc.pdf>> Acesso em: 16 fev. 2013.

BRASIL. Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnicos em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 maio 1978. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6533.htm>. Acesso em: 15 fev. 2013.

BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 dez. 1991. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8313cons.htm> Acesso em: 13 fev. 2013.

BRASIL. Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 19 nov. 1992. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8490.htm>. Acesso em: 15 fev. 2013.

BRASIL. Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 12 ago.2012.

Cassaly(2011).Entrevista 20-11-2011. Diretor de espetáculos e ex-palhaço “BOZO”.Roberto Cassaly.

CASTRO,2005 ”(CASTRO VIVEIROS,Alice, **O Elogio da bobagem**, São Paulo-SP, p.34)

Circo dos Sonhos. <http://www.circoshistorias.org.br/Circos.html>) > Acesso em: 07 de Fevereiro de 2013)

Cirque Du Soleil. <http://www.cirquedusoleil.com/cirquedusoleil/default.htm>-acesso em 23 fevereiro 2013

COSTA, M.M. **O velho-novo circo**: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação dos valores institucionais. In: ENCONTRO NACIONAL DA

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, Florianópolis, Anais. ANPAD, 2000. 16 f. CD.

FUNARTE. Lei nº 17.615, de 4 de julho de 2008. Dispõe sobre a concessão de incentivo fiscal com o objetivo de estimular a realização de projetos culturais no Estado. Disponível em:

<<http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/FomentoelIncentivo/File/lei-17.615-de-04-07-2008.pdf>>. Acessado em: 28 jan. 2013.

História do circo. <http://www.circushistory.org.uk/Circus.html>) > Acesso em: 04 de março de 2013) e <http://www.pindoramacircus.arq.br/escolas/roteiescolas.htm>- acesso em 16 fevereiro de 2013.

Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões. Rede de Apoio ao Circo. Disponível em: <<http://www.sated.com.br/>>. Acessado em: 12 ago. 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. Cena Minas - Prêmio Estado de Minas Gerais de Artes Cênicas. Disponível em: <<http://www.cultura.mg.gov.br/?task=interna&sec=9&cat=74>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA . Fundo Estadual de Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.mg.gov.br/?task=interna&sec=9&cat=60>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

TORRES, 1998 ” (TORRES, Antônio, **O Circo no Brasil**, São Paulo, São Paulo, Editora Círculo.)